

PEDAGOGIA INTERÉTNICA

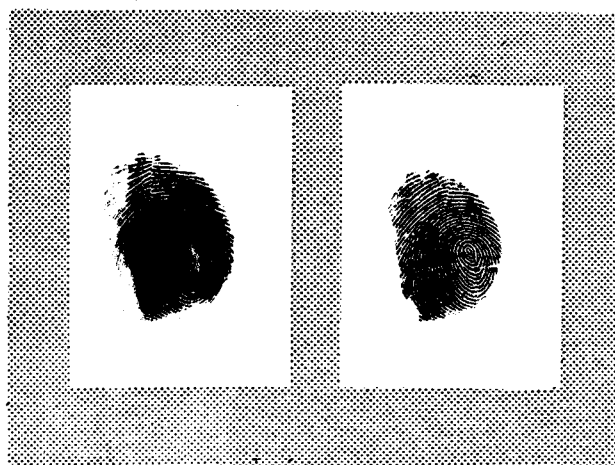
**Manoel de Almeida Cruz
Do Núcleo Cultural
Afro-Brasileiro
Salvador — BA**

A

pedagogia interétnica surgiu em 1978, como resultado de uma pesquisa sobre relações raciais, levada a efeito pelo Departamento de Ciências Sociais do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro de Salvador, em colaboração com a Universidade Federal da Bahia. Esta pesquisa, coordenada pelos sociólogos Roberto Santos e Manoel de Almeida Cruz contou, também, com a participação de estudantes de Ciências Sociais da UFBA.

A referida investigação mostrou que o processo educacional (escola, família, comunidade e meios de comunicação social) é o principal responsável pela transmissão do preconceito racial e que, só através do processo educacional será possível combatê-lo.

Deste modo elaborou-se um sistema pedagógico, a pedagogia interétnica, cujo objetivo é estudar e pesquisar o etnocentrismo e o racismo transmitidos



pelo processo educacional (família, comunidade, escola, sociedade global e meios de comunicação social) e propor medidas educativas para combatê-los.

Ela se baseia na concepção de uma linguagem total e pretende utilizar os meios de comunicação social, o teatro, palestras, debates nas escolas e comunidades, a fim de explicar as causas e os efeitos negativos do preconceito racial, do racismo e do etnocentrismo e, assim, criar uma nova escola que prestigie os valores culturais dos grupos étnicos dominados.

Métodos de combate ao racismo recomendados pela Pedagogia Interétnica

Método Curricular: consiste na elaboração de um currículo escolar fundamentado na cultura e nos valores dos grupos étnicos dominados.

Método Dramaterapêutico: indica a ação dramática como instrumento de combate ao racismo. A dramaterapia interétnica é inspirada na dramaturgia de J. Moreno e Brecht/Boal. Visa influenciar dialogicamente na mudança de atitudes preconceituosas, pautando-se em uma ação crítica e transformadora da realidade, em sintonia com a filosofia do teatro dialético e concreto que prevê a participação do espectador. Questiona, assim, a problemática política e existencial dos grupos étnicos dominados.

Método Comunicativo: recomenda a "propaganda" como veículo de combate ao racismo. A "propaganda" interétnica se apóia em uma filosofia da comunicação dialogical e emancipadora, requerendo, destarte, a co-participação e o diálogo entre os sujeitos comunicantes. O método comunicativo aconselha a utilização de cartazes anti-racistas, filmes, slides, vídeos, cartilhas, textos, palestras e demais meios de comunicação social.

Aspectos estruturais da Pedagogia Interétnica

Aspecto Histórico: discute os fatores históricos que condicionaram o desenvolvimento ou subdesenvolvimento deste ou daquele grupo étnico, além de propor uma reavaliação crítica da historiografia dos grupos étnicos dominados.

Aspecto Culturalógico: trata do sistema simbólico e dos valores impostos pelo grupo étnico dominante sobre os grupos étnicos dominados.

Aspecto Antrobiológico: aborda as teorias da superioridade racial e propõe a sua desmistificação, difundindo as modernas teorias antropológicas.

Aspecto Sociológico: aponta os fatores sócio-culturais que condicionam a marginalidade dos grupos étnicos dominados na estrutura global da sociedade.

Aspecto Psicológico: considera o complexo de supe-

rioridade do grupo étnico dominante e o complexo de inferioridade e auto-rejeição do grupo étnico dominado.

A aplicação dos métodos de combate ao racismo deve ser articulada em consonância com estes aspectos estruturais da pedagogia interétnica.

Procedimento Metodológico da Pedagogia Interétnica

Procedimento Fenomenológico: requer que o educador e o pesquisador coloquem entre parênteses idéias preconcebidas, valores, teorias, enfim toda ganga preconceituosa que se tenha contra este ou aquele grupo étnico. Esta postura constitui o primeiro passo para a pesquisa e a aplicação da pedagogia interétnica, capacitando assim o sujeito para o relacionamento simpático e compreensivo para com os outros grupos étnicos. É, de fato, uma tarefa difícil, mas não impossível.

Procedimento Dialético: reivindica uma postura crítica da realidade, possibilitando uma concepção de conjunto desta, assim como a percepção das contradições, das transformações e uma penetração na essência dos fenômenos, principalmente, no caso da educação que se constitui em um aparelho ideológico de Estado, segundo a definição de Althusser, reproduzindo os valores e interesses da classe dominante.

A Pedagogia Interétnica e a Realidade Nacional

A educação do negro

O Brasil é fundamentalmente um país de formação pluriétnica e multicultural. Os grupos étnicos representados pelo negro e pelo índio ocupam posição subalterna em relação ao grupo étnico dominante representado pelo branco. Este é o senhor do país, comanda todo processo político econômico e cultural, ditando as normas, valores culturais e filosóficos, sem considerar os valores dos demais grupos étnicos existentes no país, resultando assim em um relacionamento anti-dialogical, especialmente para com o negro e o índio.

Na questão específica do negro como produtor da cultura afro-brasileira, esta é simplesmente considerada como primitiva e inferior, gerando, assim, complexos psicológicos nos descendentes das etnias de origem africana. Entretanto, nos últimos anos temos observado uma reação positiva contra o eurocentrismo, mormente na Bahia, com a revolução estética-cultural levada a efeito pelos blocos afros e afoxés. A juventude negra na Bahia assumiu novos valores e comportamentos, que se expressam na moda afro e na linguagem influenciando, inclusive, no relacionamento interpessoal.

O negro dos tempos atuais já não tem mais vergonha de ser negro, ao contrário, orgulha-se de suas raízes africanas. Daí a necessidade da adoção de um currículo fundamentado na cultura e nos valores da comunidade afro-brasileira, que certamente trará ótimos resultados para esta tarefa de descomplexização do negro e do branco. Recentemente as entidades negras da Bahia e o Centro de Estudos Afro-Orientais — CEAO, depois de muitos anos de luta, conseguiram que o Conselho Estadual de Educação aprovasse a inclusão dos chamados "Estudos Africanos" nos currículos das escolas públicas de 1º e 2º grau; paralelamente, quarenta entidades, dentre elas algumas negras, democráticas e progressistas, subscreveram um documento que foi entregue ao secretário da Educação e Cultura do Estado da Bahia Prof. Edvaldo Boaventura, recomendando um currículo escolar baseado nos valores da cultura negra e indígena; o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, por sua vez, manteve, até o ano de 1984, duas escolas na cidade de Salvador onde foi aplicada a pedagogia interétnica com êxito. Contudo, este projeto foi interrompido por falta de recursos financeiros.

A educação indígena

A educação do índio brasileiro é crucial, podendo até mesmo levar ao genocídio total das nações indígenas. Existe uma educação para o índio, perniciosa, que resulta em problemas de ordem política e ideológica, isto porque esta tarefa educacional fica, sempre, sob a responsabilidade de órgãos oficiais e de missões religiosas. Os "educadores" atuam em conformidade com uma concepção etnocentrista, sem levar em consideração os valores culturais do índio. Deste modo, só uma concepção alternativa e humana da questão indígena, fundamentada no diálogo, será capaz de oferecer resposta positiva para esta problemática. A educação para o índio deve, sobretudo, atuar como um complemento da educação indígena que se dá através do processo de socialização e nunca como um substituto da educação tradicional da sociedade indígena.

A pedagogia interétnica entende que paralelamente à educação do índio deve haver, também, a educação do não-índio, devido à existência do preconceito anti-índio e do etnocentrismo no interior da sociedade envolvente. Os integrantes desta sociedade têm uma visão estereotipada do índio concebendo-o como preguiçoso, feroz, bárbaro e traíçoeiro. Sem falar na visão romântica da literatura de Gonçalves Dias e de José de Alencar. Assim, o sistema educacional da sociedade envolvente deve introduzir nos seus currículos matérias fundamentadas nos valores da cultura indígena, além de efetuar campanhas de informação ao público sobre a real situação sócio-cultural e existencial do índio. As recomendações da pedagogia interétnica poderiam melhorar as relações entre a sociedade nacional e a sociedade indígena, reduzindo desta forma, o etnocentrismo e o preconceito contra o índio.

Finalmente, esta tarefa depende da participação

de todos os setores democráticos e progressistas da sociedade envolvente.

Conclusão

A grande meta da pedagogia interétnica é o reconhecimento dos valores do homem enquanto membro deste ou daquele grupo étnico. O homem, quer seja ele dinamarquês, chinês, bororó ou hotentote, é portador dos mesmos valores fundamentais, da mesma estrutura ontológica e do mesmo destino. É o ser que pensa, sente, quer e intui, está envolvido no projeto semiótico, produzindo e interpretando signos e códigos. Ele transforma a natureza construindo habitações, vasos, vestes, adornos, armas e computadores. Formula as grandes indagações: Quem sou? De onde venho? Para onde vou? Odeia e ama. Sente-se premido pela necessidade de se ligar a algo superior a si mesmo, de transcender e optar. A partir dessas perguntas e problematizações, sem respostas satisfatórias, ele elaborou a religião, a filosofia, a magia, o mito e a ciência. E continua indagando, permanecendo o desafio.

Portanto, o homem é o mais indigente dos animais, isto porque ele pensa e tem a necessidade de pensar para viver, enquanto o animal não tem necessidade de pensamento. Estamos condenados a pensar, somos um ser desesperado e angustiado por nossa própria culpa. Até agora foram edificadas teorias de toda ordem, mas nenhuma delas solucionou o problema da liberdade e do respeito à dignidade humana como o da angústia existencial. Pensadores como Kierkegaard, Sartre, Jaspers, Mounier, Heidegger e outros apenas se limitaram a diagnosticar a angústia do nada, do não ser. Nunca apontaram uma terapia, para o que Hegel chamou de consciência infeliz. Aliás, o próprio Kierkegaard indicou a fé como solução, que por si só não basta. Esses filósofos ocidentais não caminharam muito em suas pesquisas e especulações estéreis, porque estavam marcados pelo etnocentrismo, pelo preconceito e pelos excessos racionalistas, desconhecendo assim, em suas visões limitadas, a grandeza do pensamento dos outros povos e etnias. Nada fizeram para o reencontro do homem consigo mesmo. Este continua apegado, em demasia, confundindo-se com as coisas, ou melhor, coisificado, robotizado pela dinâmica da sociedade de consumo, conjugando o verbo ter, nunca o ser. As pessoas valem pelo que têm e representam, não pelo que são. Neste contexto, instala-se a falta de perspectiva, a descrença nos altos ideais, em suma, a brutalização do espírito. O medo de ser, de assumir, uma existência autêntica, é terrível. O pior, é que os meios de comunicação e o sistemas de educação, responsáveis pela transmissão do patrimônio cultural e respaldados pelo Estado, são os principais agentes estimuladores e disseminadores desse processo de dissociação da personalidade ou de imbecilização. Não existe mais um relacionamento sadio do homem para com o homem, deste para com a natu-

reza e o infinito. A decadência é total, não no sentido de Spengler. Ciência e técnica voltadas para a destruição do ser humano. Filosofia e religião justificando a guerra e a rapinagem. A arte, por sua vez, prostituída, perdeu a sua finalidade estética, e hoje visa apenas o lucro e o status, servindo, também, a fins panfletários. Com isso, não queremos ignorar a dimensão social da arte, é evidente.

Mas não somos pessimistas, sabemos que representamos uma minoria consciente da realidade, portadores de uma cosmo visão, e de um pensamento crítico. Queremos transformar, muito humanamente, esse estado de coisas. Logo, a proposta da pedagogia interétnica é o reconhecimento e o desenvolvimento das potencialidades e dos valores deste ente chamado homem, partindo de sua vivência concreta no mundo, O estar no mundo, conforme afirma Heidegger, engajado, isto porque o homem é um ser dependente dos outros entes, com os quais ele se relaciona, possibilitando seu ser.

O mundo ocidental sempre se colocou no centro do universo, julgando-se senhor da verdade, atribuindo a si a exclusividade do pensamento e da cultura. Hegel, em uma de suas obras, *Introdução à História da Filosofia*, nega aos outros povos, a capacidade de indagação filosófica. Lembramos, também, de L. Brühl que não reconhece aos povos ditos primitivos a capacidade lógica de formulação do pensamento.

Finalizando, a pedagogia interétnica, não sei se exatamente à maneira da fenomenologia de Husserl, está preocupada e ocupada com a essência do ente humano, com a sua libertação total, não somente através da interpretação da realidade, mas da sua transformação radical.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, T. de. *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.
- BANTOM, M. *A idéia da raça*. Lisboa, Edições 70, 1979.
- BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- BRECHT, B. *Estudos sobre teatro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- GADOTTI, M. *Concepção dialética da educação*. São Paulo, Cortez, 1984.
- HEGEL, J.W.F. *Introdução à História da Filosofia*. 2 ed. Ed. Arnenio Amado, 1952.
- HEIDEGGER, M. (Ed). *Ser y el tiempo*. México, Fondo de Cultura Económico, 1968.
- HIRSCHBERGER, J. *História da Filosofia*. São Paulo, Herder, 1967.
- LEYOTARD, J.F. *A fenomenologia*. Lisboa, Edições 70, 1974.
- MORENO, J. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo, Summus, 1983.
- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.